

ANCHIETA, A HISTÓRIA E JOEL PONTES

Gabriela Martin Souto Maior

Da Universidade Federal de Pernambuco

A Universidade Federal de Pernambuco perdeu um bom professor, as letras brasileiras um poeta, a história da literatura portuguesa um de seus pesquisadores mais dedicados e todos nós perdemos um amigo. É difícil escrever recompondo o que foi planejado como uma recensão à tese de livre docência, tão brilhantemente defendida por Joel, recensão que lhe havíamos anunciado e que ele festivamente esperava. Os amigos não morrem, como repetidamente dizia Hermilo Borba Filho. Encantam-se. Este artigo não é, nem poderia ser, uma oração fúnebre. É apenas um dever intelectual.

Com a tese "Teatro de Anchieta", defendeu Joel Pontes sua livre docência, uma das poucas que obtiveram nota dez, com unanimidade, da comissão examinadora, aliás, muito merecidamente, e achamo-nos no direito de fazer esta afirmativa porque tivemos a honra de a ela pertencer. Professores da categoria de Leodegário Azevedo, pesquisador da obra de Anchieta, de Antonio Amora, da Universidade de São Paulo, de Simões, da Universidade Federal da Bahia e José Brasileiro, de nossa Universidade, formavam um quadro de especialistas de língua e literatura portuguesas, que, embora de alto nível, pouco teve a argüir na excelente tese que tinha em mãos, e se não fosse nossa condição de professora de história — que nos atraiu ao que poderíamos chamar de posição política anchietana —, quase nada tivemos a acrescentar, e, naturalmente, muito menos, para argüir sobre os temas anchietanos abordados por Joel Pontes.

A vantagem do espírito universalista das ciências humanas é a possibilidade de inter-relação de épocas e temas. Desavisados historiadores que fazem da história econômica o seu cavalo de batalha, fecham-se frequentemente no seu mundo "economês", es-

quecendo-se que a história da arte e da literatura são fontes inesgotáveis de dados econômicos, muitas vezes já analisados no circunstancial da época. Uma leitura de **Dom Quixote** ou de **La Celestina** será bem mais ilustrativa para se conhecer a situação econômica e social da Espanha dos Austrias do que uma solitária estatística, quase sempre suspeita e incompleta. Essa necessidade de alongar os braços das ciências humanas foi muito bem compreendida por Joel Pontes ao chamar, anteriormente, especialistas de outras áreas para os seminários de Literatura Portuguesa, como foi o dedicado a Camões, que nos ofereceu magníficas conferências como "A geografia camoneana", pronunciada por Gilberto Osório, e "O histórico em Camões" na qual Armando Souto Maior e Rubem Franca completaram o grande painel exposto pelo mestre Gilberto Osório. Agradeço a Joel Pontes o muito que aprendemos naqueles seminários, continuadores da iniciativa de Jordão Emerenciano, aos quais acudi, humilde e anonimamente; apenas como aluna.

Na Espanha, onde se estuda Teoria Literária já no curso colegial e onde nas universidades, em qualquer dos cursos da área de ciências humanas, há disciplinas obrigatórias anuais sobre literatura espanhola e literatura universal. Os alunos familiarizam-se mais com Dante ou Molière do que com Sá de Miranda; quando muito há breves intromissões nos Lusíadas ou em Gil Vicente, este estudado como poeta castelhano. Era, e penso que ainda é, um absurdo esse dar as costas à cultura portuguesa, aliás, pago com a mesma moeda pelos lusitanos. Mágoas, celeumas e ressentimentos de caráter político, bem alheios à poesia e à prosa, têm a culpa. Brigas já muito antigas, unidas aos ventos de exaltação do **genuinamente espanhol**, impregnadas da ridícula idéia **imperial** que deturpou toda uma geração, têm efeitos que ainda hoje se fazem sentir. A belíssima língua galega chegou a ser proibida, assim como a catalã, falada por seis milhões de espanhóis em suas modalidades valenciana e maiorquina. Paralelamente, ninguém se atreveria, na época de Franco, a repetir em sala de aula a frase de Cervantes **con excepción del portugués, la lengua mas dulce es la valenciana**. Nas repartições públicas da inofensiva e chuvosa Galícia e da castigada Catalunha afixaram-se agressivos cartazes com os dizeres **Hable solo la lengua del Imperio**, como se existissem ainda idiomas aristocráticos e línguas plebéias. Era a idéia-fantasma de um Império que, nos dias do Padre Anchieta, incluía também o Brasil e pelo qual o sacerdote não parecia sentir grandes simpatias.

Nas fileiras do fascismo espanhol falava-se muito da **unidade ibérica**, que em seus termos mais práticos significaria o fim da independência e da identidade portuguesas. Apesar do **Pacto Ibérico**, assinado por Franco e Salazar, portugueses e espanhóis continuaram a se ignorar ou a se olhar com desconfiança. Acima, porém, de qualquer ideologia política já existiam a lírica portuguesa e a épica castelhana, simultaneamente recitadas pelos jograis medievais. Aqui, descobri como esse independente espírito ibérico castelhano-português entrara na literatura popular brasileira, tão magistralmente estudada por Ariano Suassuna. Os choques e as interações das duas nacionalidades, de certo modo, marcaram também o jesuíta Anchieta e veremos o fenômeno repetir-se nas obras literárias de exaltados nacionalistas. Na aula que Joel Pontes deu sobre a obra de Fernando Pessoa, falou-nos sobre o mito de Viriato nas origens da nacionalidade portuguesa. Ensinaram-me, na minha escola primária, um Viriato espanholíssimo. Se espanhóis fizeram seu um herói lusitano, Fernando Pessoa deu a Portugal o imperador Trajano, que era da Bética e não da Lusitânia, como lembrou Joel, contrapontando versos, na sua aula magistral.

No movimento armorial descobrem-se amplamente as profundas raízes ibéricas do Brasil e foi lendo a tese de Ariano Suassuna "A onça castanha a ilha Brasil" que pude imaginar uma Santa Teresa d'Ávila armorial, num sertão que, em Castela, também não falta. A santa faz figa nas suas visões, com medo de que se trate de uma visão infernal. Diga-se de passagem que os diabos do Padre Anchieta também fazem figa: **Cuatro higas para vos** dizem eles. A expressão figa, tão ibérica, é hoje profundamente brasileira.

Abranches Viotti, na introdução do volume das **Poesias**, publicado pelo Museu Paulista, refere-se a Anchieta como "verdadeiro pórtico da literatura brasileira" o que de certo modo é a admissão da filiação patriótica anchietana. Para Joel Pontes, entretanto, Anchieta "não deixa transparecer patriotismo", certamente apoiado em Serafim Leite que pontificara jesuíticamente: "também não se considerou português nem brasileiro". Porém, se levarmos em conta sua origem canarina e biscainha e considerarmos que os canarinos chamam de **godos** aos peninsulares, com manifesto desprezo, e que os bascos formam uma minoria bem diferenciada, com língua própria e terrível aos ouvidos romances, estudos e permanência em Portugal dão ao Padre Anchieta uma filiação ambígua aos países ibéricos. Anchieta é assim um predisposto a tomar atitudes "brasileiras" no seu teatro.

Minha posição poderá parecer romântica como se eu estivesse tentando forçar méritos para minha nacionalidade adquirida. O leitor inteligente saberá julgar. Se eu tivesse, entretanto, que falar sobre os movimentos nativistas no Brasil, consideraria Anchieta um proto-nativista e começaria provavelmente com a estrofe de Lúcifer no diálogo com Satanás na "Vila de Vitória":

"Tais façanhas
farás tu nas Alemanhas
que tuas mentiras crêem
nas França e nas Espanhas
mas no Brasil tuas manhas
muito pouca média têm"

Percebeu-me e ainda me parece que, por muito apolítico que pretenda o padre se apresentar, sua origem basca, e o ser espanhol nascido nas ilhas Canárias, conferia-lhe, então, uma cidadania de segunda classe em uma Espanha dominada por Castela. Filho e fruto da sua época, os acontecimentos históricos e políticos que naquele momento afetavam diretamente o Brasil, com a dominação espanhola, haveriam certamente de se refletir no sacerdote.

Está patente, no teatro anchietano, mal disfarçado azedume contra Castela e o domínio espanhol. Louva, pessoalmente Filipe II, não sabemos se por necessidade política, jesuítica atitude ou consciência de servo obediente ao seu rei. Porém, o ataque à Castela, alternadamente em português e castelhano, é contínuo. O domínio espanhol não era simpático ao Padre Anchieta e numerosos exemplos o indicam. Diz o Satanás anchietano:

"Por eso mudé de voz
para hablarle castellano
e mostrarme mas feroz"

Considere-se que o castelhano é eufônicamente mais duro do que o português, porém só teríamos dúvida a respeito de suas antipatias se o ataque não se repetisse no mesmo auto e no da Festa de São Lourenço:

"Mas de que vino a esta villa
hase hecho português
y arrojome un tal revés
que me voy para Castilla"

E neste outro:

"Oh que tajos e reverses
acostumbram arrojar
estos santos portugueses".

Este último poderia completar-se com a defesa dos índios e ataque aos castelhanos pelo seu comportamento no Rio da Prata:

"Los hombres de vuestro Rio
merecem por sus pecados
ser de Dios desamparados
haciendo tantos mil daños
a los canijós cuitados
con robos, muertes y engaños".

A crítica é, às vezes, sutil. O fato do "Bom Governo" falar português é bem suspeito. A alusão à tirania castellana é direta e irônica:

"Mas enfin, Viva Castilla
con toda su cortesia
pues saber e policia
hay en ella a maravilla"

No auto da "Festa de São Lourenço", o diabo **Aimbiré** fala castelhano para dizer:

"Quero hacerme castellano
y usar de policia
con Decio e Valeriano".

E depois, falando em tupí, ainda é mais violento, quando se refere ao que pretende fazer:

"Castelhanos
alegro-me muito bem
que sejam espanhóis
daquí a pouco os atacarei"

Décio e Valeriano falam castelhano, são espanhóis. Porém, o anjo, que é um ser sem nacionalidade, fala português. Os ataques continuam e a "ingratidão" acrescenta:

"Que diz este castelhano
blasonador andaluz"

e depois:

"O demonio castelhano
procura por português.

Um certo humor nesse teatro de Anchieta com implicações políticas, sutil e cauteloso, não deve passar despercebido. Satanás fala castelhano e talvez seja um diabo mais cngraçado, porém é também o mais fanfarrão e mais bobo. Lúcifer, em português, é mais judicioso e inteligente.

Na lírica do teatro anchietano, encontramos, porém, sempre a marcada influência da lírica castelhana. Nos versos seguintes, a antítese foi agudamente assinalada por Joel Pontes:

"Como puedo yo vivir
pues que se muere mi vida
y con muerte tan sentida
como vivo sin morir".

Imagem repetida na chamada fala do temor de Deus:

"Oh que pena será estar en la cadena
y vivir siempre muriendo
y morir siempre viviendo".

A lírica anchietana lembra-nos, também, particularmente, os tão conhecidos versos de Santa Teresa:

"Vivo sin vivir en mí
y tan alta vida espero
que muero porque no muero".

Joel Pontes, encantado para sempre, quando vivia aqui neste nosso mundo, já me havia perdoado esta intromissão na literatura. No mundo em que está agora, como disse Joel Pontes Junior, seu filho, "está com todos seus amigos". Certamente ao lado de Hermilo e Jordão, aos quais dedicou sua tese, e quem sabe, também com o próprio Anchieta, estudado por ele com tanto amor.